

EVENTOS ESTRESSORES NA ADOLESCÊNCIA E JUVENTUDE: NARRATIVAS DE ESTUDANTES DE BELÉM/PA

■ MATEUS SOUZA DOS SANTOS

<https://orcid.org/0000-0001-9669-1050>

Universidade Federal do Pará

■ LÚCIA ISABEL DA CONCEIÇÃO SILVA

<https://orcid.org/0000-0001-8871-5913>

Universidade Federal do Pará

RESUMO

Este estudo tem por objetivo analisar as implicações desenvolvimentais de eventos estressores e de fatores de proteção na adolescência e juventude a partir das narrativas de estudantes do ensino médio. A pesquisa foi realizada em 1 (uma) escola pública de Belém/PA, localizada no Bairro do Guamá. Ao todo, participaram do estudo 32 adolescente e jovens, com idades entre 14 e 18 anos, estudantes do 1º ano do ensino médio. Como técnica de coleta de dados, utilizou-se o Grupo de Diálogo (GD) e, para o tratamento das informações, a Análise de Conteúdo. Por meio das narrativas dos jovens, identificaram-se 7 eventos estressores, a saber: ser assaltado, morte de familiar, ausência de diálogo na família, separação dos pais, discutir com amigos, ter provas no colégio e assédio sexual na internet. Sobre os fatores de proteção, as relações de amizade apareceram como importantes mecanismos que atenuaram os efeitos do risco. Observa-se, portanto, a existência de uma dinâmica complexa de eventos estressores que atuam em diversos contextos de vida dos adolescentes e jovens (família, escola e comunidade) e que estas etapas de vida precisam de um olhar especial das instituições.

Palavras-chave: Eventos estressores. Adolescência. Juventude. Narrativas.

ABSTRACT

STRESSFUL EVENTS IN ADOLESCENCE AND YOUTH: BELEM/PA STUDENT NARRATIVES

The present academic study has the objective of analyze the developmental implications of stressful events and of factors of protection

in adolescence and youth from high school students' narrative. The research was fulfilled at 1 (one) public school of Belém/PA, located in the Neighborhood of Guamá. Altogether, 32 teenagers participated of the study, with ages between 14 and 18 years-old, all from the freshman year. As technique of data collect, the Dialogue Group (GD) was used, and for the information treatment, the Analyze of Content. Through the students' narrative, it was identified 7 stressful events, to know: to be robbed, death in the family, absence of dialogue in the family, parents' divorce, to strife with friends, to have exams in school, and online sexual assault. About the factors of protection, the friendship relations appear as important mechanism that attenuate the risk effects. The present study follows observing the existence of a complex dynamic of stressful events that act in many contexts of the teenagers and young ones (family, school, community) and that these steps of life need a special look from the institutions.

Keywords: Stressful events. Adolescence. Youth. Narratives.

RESUMEN

EVENTOS ESTRESANTES EN LA ADOLESCENCIA Y LA JUVENTUD: NARRATIVAS DE ESTUDIANTES DE BELEM/PA

Este estudio tiene como objetivo analizar las implicaciones del desarrollo de eventos estresores y de factores de protección en la adolescencia y la juventud a partir de las narrativas de estudiantes de educación media. La investigación fue realizada en una (1) escuela pública de Belém/PA, ubicada en el barrio Guamá. En total, participaron del estudio 32 adolescentes y jóvenes, con edades entre 14 y 15 años, estudiantes del primer año de educación media. Como técnica de recolección de datos, se utilizó el Grupo de Diálogo (GD) y, para el tratamiento de la información, Análisis de contenido. Por medio de las narrativas de los jóvenes, se identificaron 7 eventos estresores, a saber: ser asaltado, muerte de un familiar, ausencia de diálogo en la familia, divorcio de los padres, discutir con amigos, tener exámenes en el colegio y acoso sexual en Internet. Sobre los factores de protección, las relaciones de amistad aparecieron como importantes mecanismos que atenuaron los efectos del riesgo. Se concluye observando la existencia de una compleja dinámica de eventos estresores que actúan en diversos contextos de los adolescentes y jóvenes (familia, escuela y comunidad) y que estas etapas de vida necesitan una mirada especial de las instituciones.

Palabras claves: Eventos estresores. Adolescencia. Juventud. Narrativas.

Introdução

Ao longo de seu desenvolvimento, o ser humano tende a orientar-se para um processo de independência em algumas áreas de sua vida: no início da infância, é totalmente dependente de outras pessoas e, gradualmente, desenvolve mais autonomia. A adolescência e a juventude caracterizam-se, entre outros aspectos, por transformações que levam o indivíduo a ser mais autônomo, se comparado à infância (THOMÉ; TELMO; KOLLER, 2011).

São nessas etapas que surgem novas demandas e papéis socioculturais, que influenciam na constituição da identidade do adolescente e do jovem. Portanto, a transição da infância para as etapas posteriores não está ligada apenas a critérios maturacionais, mas também a um conjunto de elementos culturais que compõem o contexto onde o sujeito está inserido (SILVA; LOPES, 2009).

É comum associar a adolescência e a juventude apenas à idade cronológica, no entanto até mesmo entre pesquisadores e instituições não há um consenso acerca das delimitações etárias para estas fases da vida. De acordo com a Organização Internacional do Trabalho (OIT, 2012), a adolescência corresponde à faixa etária de 15 aos 19 anos, enquanto que a juventude se refere ao período que vai dos 20 aos 24 anos. A Organização Mundial da Saúde (OMS, 1986) considera que a adolescência abrangeria as idades entre 10 e 19 anos e a juventude entre 15 e 24 anos. Em âmbito nacional, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) situa a adolescência entre 12 e 18 anos incompletos (BRASIL, 1990) e, na Política Nacional de Juventude (BRASIL, 2006), compreende-se por jovem o sujeito com idade entre 15 e 29 anos.

Neste trabalho, adotar-se-ão ambas as políticas nacionais como delimitações etárias para os participantes do estudo, compreendendo-se a existência de uma interseção entre

esses dois momentos de vida na qual o indivíduo é adolescente e ao mesmo tempo jovem. Essas delimitações etárias são importantes para proposições de políticas públicas para contingentes específicos da população, no entanto, torna-se necessário ampliar a discussão acerca do que significa ser adolescente e jovem em contextos específicos (LEÓN, 2005).

Na sociedade, além da perspectiva etária citada anteriormente, coexistem algumas concepções de adolescência e juventude que são descontextualizadas, cristalizadas e reducionistas, que não abarcam a complexidade do que significa ser adolescente e jovem. Uma primeira concepção dá ênfase ao caráter de transitoriedade da juventude, de “vir a ser”, ou seja, as ações no presente dos jovens só terão importância se estiverem associadas às atividades que irão exercer no futuro, quando estiverem adultos (DAYRELL; CARRANO, 2002). Sobre a juventude é depositada a esperança da renovação, idealizando-se, muitas vezes, uma capacidade natural destes sujeitos para a participação, transformação e mudança (CARRANO, 2012).

Também há um entendimento da adolescência e juventude como fases problemáticas e de crise, cujas atitudes infringem as normas e geram problemas sociais (ABRAMO, 1997). O jovem seria aquele que se integra mal e resiste à ação socializadora, desviando-se do padrão normativo (PERALVA, 1997), e cuja identidade encontra-se em conflito, provocando problemas de autoestima e personalidade. Parece que os jovens vêm de fora da sociedade para estabelecer com ela um conflito (ZANETTI, 2001). É nessa perspectiva que adolescentes e jovens, sobretudo negros e de periferias, são “para o pensamento e para a ação social como ‘problema’: como objeto de falha, disfunção ou anomalia no processo de integração social;

e, numa perspectiva mais abrangente, como tema de risco para a própria continuidade social” (ABRAMO, 1997, p. 29).

Torna-se necessário problematizar e desconstruir essas concepções homogêneas e engessadas que não levam em consideração as múltiplas formas como as sociedades constroem historicamente a adolescência e a juventude e como os sujeitos vivenciam tais construções sociais na prática. Desse ponto de vista, alguns autores discutem a necessidade de pluralizar esses coletivos, haja vista que eles estão relacionados a contextos que estão em constantes processos de mudanças e ressignificações, constituindo, dessa forma, um complexo mosaico de experiências (ESTEVES; ABRAMOVAY, 2007; LEÓN, 2005; SILVA; LOPES, 2009).

Neste trabalho, entende-se a adolescência e a juventude como resultantes de múltiplos fatores (individuais e contextuais) que interagem e produzem o desenvolvimento da pessoa. São etapas que não podem ser individualizadas, pois estão interligadas a inúmeros e complexos processos que se desenrolam no âmbito individual, social, cultural e histórico. Nesse sentido, devemos falar em *adolescências e juventudes*, com contornos específicos em função das múltiplas possibilidades interacionais entre fatores individuais e contextuais, que nos permitem flexioná-las e compreendê-las de forma plural, na perspectiva da diversidade.

Assim, estudiosos têm traçado uma compreensão contextualizada e dinâmica do que significa ser adolescente e jovem, discutindo-se, sobretudo, as interações entre um conjunto de fatores que podem interferir na trajetória dos jovens e influenciar (de forma positiva e/ou negativa) suas vivências. Na literatura da área, esses fatores são denominados de *fatores de risco e fatores de proteção* (POLETTI; KOLLER, 2008).

Os *fatores de risco* podem ocasionar ou aumentar a probabilidade de danos ao desenvolvimento físico, social, psicológico e/ou emocional. Deve-se destacar que a ênfase demasiada e focada somente no risco não indica possibilidades de prevenção, enfrentamento e superação de situações de risco. Isso significa não reforçar as dimensões sadias dos grupos sociais, as quais possibilitam construir estratégias que atuem na promoção de desenvolvimento e bem-estar. O olhar para aquilo que “protege” ajuda a ultrapassar preconceitos e “estereótipos macrossistêmicos, marcados por um discurso que ressalta e supervaloriza deficiências e prejuízos, e que está pouco atento às estratégias utilizadas para superar as adversidades enfrentadas” (POLETTI; KOLLER, 2008, p. 408).

Em vista disso, a identificação de fatores de risco deve ser realizada em consonância com o apontamento de *fatores de proteção*. A proteção consiste em um “conjunto de influências que modificam e melhoram a resposta de uma pessoa a algum perigo que predispõe a um resultado não adaptativo” (JUNQUEIRA; DESLANDES, 2003, p. 229).

Tanto o risco quanto a proteção devem ser compreendidos em uma perspectiva processual, dentre os quais diferentes fatores irão interagir e poderão acentuar ou inibir distúrbios, transtornos e respostas desadaptativas. A definição daquilo que pode ser risco ou proteção aparenta ser complicada, haja vista que as interações e combinações de suas implicações no desenvolvimento necessitam de uma análise minuciosa e contextualizada (YUNES, 2001). Os fatores de risco e de proteção “não são necessariamente entidades estáticas: podem ser elásticas e mutáveis por natureza” (POLETTI; KOLLER, 2008, p. 409).

Entre os estudos sobre risco e proteção, existem aqueles (WATHIER; DELL’AGLIO, 2007; SANTOS; SILVA; NUNES, 2016) que tratam, em especial, das implicações dos chamados *eventos*

estressores. Caso haja uma discrepância entre as demandas do ambiente e os recursos biológicos e psicossociais disponíveis frente a alguma situação adversa, o organismo poderá apresentar um conjunto de alterações em seu equilíbrio interno (BUSNELLO, 2009). Esse desequilíbrio é chamado de estresse e as adversidades que o antecedem, causando-o, podem ser denominadas de eventos estressores (LIPP, 2000).

Vale salientar que nem sempre a exposição a eventos estressores implicará em danos ao desenvolvimento, pois isso dependerá da forma como um conjunto de fatores (pessoais e contextuais) interage diante do potencial estressor, amenizando ou potencializando os seus efeitos. Assim, diante da variabilidade de exposições a eventos estressores, é essencial identificar e compreender os fatores envolvidos nesse processo, levando-se em consideração o contexto em que adolescentes e jovens estão inseridos, o seu momento de desenvolvimento, a forma como eles percebem os eventos vivenciados e os impactos que essas adversidades têm em suas vidas (POLETTI, 2007).

Eventos estressores na adolescência e juventude: pesquisas em âmbito nacional

Os eventos estressores são situações que causam certa tensão no indivíduo e sobrecarregam o seu psiquismo, que dificultam a formulação de estratégias que irão lhe auxiliar no enfrentamento dessas adversidades, o que intervêm não só na sua saúde psicológica, mas em todas as suas dimensões, uma vez que há uma interligação e interdependência entre biológico, emocional, subjetivo e social (MARGIS *et al.*, 2003; KRISTENSEN *et al.*, 2004).

Em contexto brasileiro, os estudos têm encontrado uma série de estressores na adolescência e juventude, tais como eventos relacionados à morte (WATHIER; DELL'AGLIO, 2007), à violência

sexual (CALCING; BENETTI, 2014) e a problemas socioeconômicos (JANSEN *et al.*, 2014).

Para Benetti *et al.* (2010), estresses altamente impactantes, como separações, mortes e eventos de violência grave, precisam ser tratados de forma emergencial pelos profissionais envolvidos nos diferentes contextos dos sujeitos (escola, família, comunidade) em razão dos prejuízos psíquicos que essas situações podem ocasionar.

A pesquisa de Nardi, Jahn e Dell'Aglio (2014), com adolescentes da cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, que cumpriam medidas socioeducativas, em regime fechado, de ambos os sexos, com idades entre 14 e 20 anos, objetivou analisar o uso de drogas, eventos estressores e expectativa de futuro. Em relação aos eventos estressores, identificou-se que mais da metade dos participantes vivenciou experiências estressoras (desemprego e prisão de membros da família, bem como a morte de pessoas significativas), que se constituíram enquanto potenciais fatores de risco. De acordo com os autores, esses achados podem indicar que muitas vezes os adolescentes que estão em conflito com a lei não apresentam um desenvolvimento visto como característico da adolescência, uma vez que "são surpreendidos com uma ampla variedade de fatores de risco ao longo de suas vidas com os quais precisam aprender a lidar" (NARDI; JAHN; DELL'AGLIO, 2014, p. 130).

Assim sendo, este estudo tem por objetivo analisar as implicações desenvolvimentais de eventos estressores e de fatores de proteção na adolescência e juventude a partir das narrativas de estudantes do ensino médio de uma escola pública no município de Belém do Pará.

Metodologia

Os dados deste artigo advêm da pesquisa de (SANTOS, 2018), tendo o projeto de pesquisa

(SILVA, 2017) aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEPSH) do Hospital Universitário João de Barros Barreto da UFPA (HJBB-UFPA), sob parecer n.º 2.082.557.

A 1ª etapa da pesquisa de mestrado supracitada (quantitativa) se deu com a aplicação do Inventário de Eventos Estressores na Adolescência - IEEA (KRISTENSEN *et al.*, 2004) em oito escolas públicas do município de Belém/PA. Ao todo, participaram deste primeiro momento 510 estudantes, de ambos os sexos, com idades entre 12 e 22 anos. Em seguida, na 2ª etapa (qualitativa), retornou-se a uma das instituições, selecionada por conveniência, a fim de realizar um Grupo de Diálogo no próprio espaço físico da escola, com o objetivo de compreender as percepções dos estudantes em relação aos dados coletados com o IEEA. São estas percepções que serão apresentadas e discutidas neste artigo.

A instituição selecionada na 2ª etapa está situada no Guamá, que é considerado o bairro mais populoso de Belém, dentro os 71 existentes na cidade, com aproximadamente 94.610 habitantes. O Guamá apresenta elevados índices de violência, tráfico de drogas e atuação de milícias. Nos anos de 2014 e 2019, por exemplo, aconteceram duas chacinas no bairro, que ceifaram a vida de três e nove jovens, respectivamente. Por outro lado, na região também existem organizações e movimentos sociais que estão engajados na luta por melhorias da comunidade e pela garantia dos direitos humanos (SILVA, 2020).

A proposta de realização de um Grupo de Diálogo foi apresentada à direção e a coordenação pedagógica da escola, sendo explicitados todos os procedimentos deste segundo momento. Tanto a direção quanto a coordenação demonstraram felicidade com o retorno e concordaram com a continuidade da pesquisa. Posteriormente, sob orientação

da coordenação pedagógica, uma turma de 1º ano do ensino médio foi convidada a participar do estudo.

Os adolescentes e jovens foram esclarecidos sobre a importância e os processos da pesquisa, destacando-se a voluntariedade da participação e a garantia do sigilo de todas as informações, assim como a possibilidade de desistência em qualquer momento. Em seguida, pediu-se para que os maiores de 18 anos assinassem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e que os adolescentes levassem o documento para um responsável legal.

Na semana seguinte, realizou-se o Grupo de Diálogo que contou com participação de 32 estudantes, em que 14 eram do sexo masculino e 18 do sexo feminino, com idades entre 14 e 18 anos.

Salienta-se que a técnica do Grupo de Diálogo (GD) foi elaborada pelo cientista social norte-americano Daniel Yankelovich, intitulada, originalmente, de "*Choice Work Dialogue*". O GD foi utilizado, a princípio, no Canadá, com a perspectiva de superar o predomínio metodológico que não criava possibilidades de ampla participação da opinião pública na formulação de políticas públicas (SILVA, 2020).

Com o GD, os participantes têm a oportunidade de entrar em contato com novas informações, estabelecer conexões entre saberes e experiências pessoais, de perceber conflitos e se engajar em um processo coletivo na medida em que mudam as opiniões e têm acesso a novas informações.

A temática do diálogo deve ser apresentada pelos responsáveis em conduzir o diálogo – os(as) facilitadores(as) – com a ajuda de *Cenários Provocativos* (CP), que podem ser organizados em textos, *slides*, *Power Point*, vídeos ou qualquer outro material que seja capaz de provocar o diálogo (IBASE; PÓLIS, 2006). Em nosso

estudo, o CP foi construído em *Power Point* a partir dos principais resultados do IEEA.

O tempo de duração da discussão em um GD varia de acordo com o tema e os objetivos a serem alcançados na pesquisa. A ideia central é a de que ele dure o suficiente para que as informações possam ser disseminadas e a compreensão dos participantes seja ampliada e as falas qualificadas. Nesta pesquisa, o GD durou, aproximadamente, 1 hora e 30 minutos, pois, em seguida, os estudantes tiveram que retornar ao horário de aula.

O GD foi gravado e as falas foram transcritas na íntegra, sendo tratadas com o auxílio da Análise de Conteúdo de Bardin (1977). No processo de tratamento da transcrição, realizou-se, inicialmente, a pré-análise com a leitura minuciosa e detalhada do material. Logo depois, procedeu-se à codificação com o recorte das falas em contextos maiores (Unidades de Contexto – UC) e, depois, em unidades menores (Unidades de Registro – UR) e, por fim, em categorias.

As Unidades de Contexto (UC) têm relação com os recortes feitos em um texto que dão sentido aos recortes realizados (Unidades de Registro – UR). Tem-se, então, uma determinada comunicação (*corpus*) que é submetida a recortes mais amplos (UC) e menores (UR) (BARDIN, 1977).

Na análise do GD, as unidades de registro foram agrupadas em categoria por similaridade semântica, isto é, levando-se em consideração a proximidade temática entre os recortes realizados (BARDIN, 1977). Isso possibilitou a organização das falas em 8 categorias, sendo 7 associadas a eventos estressores e 1 (uma) às relações de amizade como fator de proteção.

Ademais, salienta-se que os depoimentos dos jovens serão identificados por nomes fictícios, a fim de garantir o anonimato das identidades.

Eventos estressores na adolescência e juventude: narrativas de estudantes de Belém do Pará.

Após a apresentação do Cenário Provocativo (CP), os estudantes foram convidados a dialogar sobre os resultados apresentados. Um dos principais resultados presentes no CP foi sobre o assalto, em que 252 (49,4%) adolescentes e jovens informaram que já haviam passado por isso. Questionou-se, dessa forma, quantos naquela turma já haviam vivido essa experiência. Praticamente todos levantaram a mão. Em seguida, dois adolescentes compartilharam suas percepções:

Mediador: Como foi tua experiência no assalto?

Gisele: Horrível.

Mediador: Como que aconteceu?

Gisele: [...] quando eu tava descendo, abrindo o portão, veio quatro caras armados. Quando eles entraram, eu fiquei de refém lá em baixo enquanto eles assaltavam a casa de baixo, subiram pra assaltar minha casa. Eu fiquei de refém com um ladrão armado lá em baixo, só eu e o meu primo.

Mediador: O que isso causou dentro de ti?

Gisele: Eu chorei muito depois que eu perdi meu celular.

Mediador: Depois da situação? Ok. Acabou o assalto. Como é que foi?

Gisele: Parecia que eu tava sendo perseguida o tempo todo na rua. Alguém entrava, por exemplo, eu fui no cyber outro dia, alguém tava numa moto, eu ficava o tempo todo olhando pra trás como se eu tivesse sendo perseguida por alguém.

Rodrigo: Na parada de ônibus. Aí eu tava com dinheiro no bolso. Aí tava e uns amigos meus. Aí um mototáxi do nada: “É um assalto”. Aí todo mundo saiu de lá. Aí, ele veio assim e puxou um facão. Aí:

- Passa, passa o celular.
- Que celular? Eu não tenho celular.
- Cadê o celular?

Meu primo veio lá de trás e deu o celular pra ele.

Gisele, inicialmente, afirma que a experiência de assalto foi “horrrível” e detalha o porquê dessa percepção: a jovem ficou de refém com uma arma apontada em sua direção enquanto assaltavam sua casa. Logo, nota-se que o evento não atingiu apenas a estudante, mas sua família também. Após a situação, além da tristeza pela perda do celular, Gisele passou a ter a sensação de estar sendo perseguida em outros ambientes. Em Rodrigo, nota-se novamente a brutalidade da violência na comunidade em um assalto na parada de ônibus e, mais uma vez, com a perda de um celular, só que, dessa vez, de um primo.

O estudo realizado por Benetti *et al.* (2010) teve por objetivo identificar a ocorrência de situações traumáticas associadas às manifestações de problemas de saúde mental em 245 adolescentes estudantes da região metropolitana de Porto Alegre, RS. Os participantes apresentaram alta frequência de exposição à violência na comunidade que esteve relacionada a assaltos, roubos e armas de fogo. As exposições direta e indireta à violência constituíram-se como situações prejudiciais ao desenvolvimento dos participantes da pesquisa. A violência comunitária expressa em práticas de pequenos roubos e assaltos (com ou sem o uso de armas de fogo) é um fator de risco grave e significativo para problemas de saúde mental na adolescência. Observou-se, desse modo, principalmente na fala de Gisele, que os efeitos da violência causam respostas de medo excessivo que prejudicam a trajetória de adaptação a estímulos afetivos e emocionais da juventude (PINTO *et al.*, 2014).

Outro evento estressor que apareceu no GD foi a morte de um familiar. Após os relatos apresentados sobre assalto, perguntou-se à turma quem mais desejava comentar o Cenário Provocativo. Mariana levantou a mão e pediu para falar sobre o evento estressor “morte de outro familiar”. No depoimento que segue, nota-se, dentre outras coisas, que os efeitos dessa situação podem reverberar no contexto escolar.

Mariana: [...] Ele [o avô] já tava doente, ele tava em coma por causa da gastrite, parece, aí minha mãe até visitava ele às vezes, quando eu vi a minha irmã veio e simplesmente falou:

– O vovô morreu. A mamãe tá chorando.

Na hora, eu não tive reação, tipo, eu fiquei parada lá, aí eu comecei a chorar, comecei a chorar [...].

Aí eu fiquei chorando quase a noite toda porque toda vez que eu ia pra casa dele, ele sempre tava lá, eu sempre convivia com ele, mesmo que fosse pouco. Aí quando eu voltei pra escola, isso foi difícil porque quase não saía da minha cabeça, né, eu só pensava naquilo e atrapalhou um pouco os meus estudos. Aí eu acabava chorando na escola, as minhas amigas me ajudavam. Mas foi uma situação muito difícil porque é uma pessoa que a gente ama morrer, aí só pensa naquilo e atrapalha as outras coisas que a gente tem que conviver. Mas foi bem estressante mesmo.

Inicialmente, o depoimento de Mariana causou uma certa mudança na turma, uma vez que os estudantes ficaram pensativos e com expressões um pouco entristecidas. No entanto, ao citar as amigas na fala, a jovem direcionou seu olhar para duas colegas que estavam ao seu lado e todas sorriem. Este já é um indicativo interessante do efeito protetivo das amizades que, mais à frente, ficará mais evidente nas falas.

No relato de Mariana também pode-se perceber que a perda do avô interferiu diretamente no contexto escolar da jovem. Diante da

perda de uma pessoa significativa, o indivíduo pode experimentar sentimentos que extrapolem os seus limites psíquicos, podendo afetar suas atividades ocupacionais cotidianas, como é o caso dos estudos. Nessas situações, a pessoa pode apresentar uma variedade de reações que têm relação com a percepção e a severidade do evento no desenvolvimento (SOUZA; CORRÊA, 2009).

Após a fala de Mariana, pediu-se para que a turma comentasse outros eventos estressores apresentados no Cenário Provocativo. Houve relatos de dois estressores relacionados à escola: desentendimentos entre colegas de classe e outro ocasionado pelas provas. Nos relatos abaixo, de Carla e Bianca, observaram-se as tensões entre amigos:

Carla: Eu me estresso muito rápido. Não consigo controlar, entendeu? A pessoa vai me estressando, vai me provocando, né? Aí, eu não consigo me controlar.

Bianca: Eu cheguei a discutir com amigos. Eu sou meio estourada na minha vida. A maioria dos meus amigos, eu não chego a discutir, mas quando eu chego a discutir, eu discuto muito.

Esses desentendimentos entre pares podem ser compreendidos como acontecimentos presentes ao longo da vida dos adolescentes, haja vista que se configuram como “um como um laboratório de experiências relacionais” (POLETTI; KOLLER; DELL’AGLIO, 2009, p. 462).

Desse modo, deve-se verificar minuciosamente cada caso, pois as relações de amizade também são apontadas pela literatura como um importante fator de proteção (LISBOA, 2005; COSTA, 2016; AMPARO *et al.*, 2008; DESOUSA; CERQUEIRA-SANTOS, 2012). Na adolescência podem acontecer situações de desentendimento entre os pares, mas, ao mesmo tempo, expressões de afeto e compartilhamento que relevam aspectos importantes do processo de socialização e desenvolvimento humano (POLETTI; KOLLER, 2008).

Ainda na escola, as provas foram citadas como fatores estressores, sobretudo por estarem associadas às cobranças feitas na família para que os adolescentes tirassem médias elevadas. Perguntou-se se ter provas no colégio era estressante. Os estudantes foram enfáticos em dizer que sim e, na fala que segue do Rodrigo, fica evidente que o estresse não advém, em si, das provas, mas dos desentendimentos que notas baixas nos exames geram no âmbito familiar:

Rodrigo: [...] já aconteceu isso comigo várias vezes: me esforçar pra fazer uma prova, eu tirar uma nota e meus pais não gostarem e começam a me criticar por causa disso, até mesmo quando a nota é vermelha, apesar de me esforçar muito, apesar de ter a minha dificuldade de tentar superar ela, apesar de tudo isso, e acabar tirando uma nota vermelha, o meu esforço não valeu de nada se a minha nota não foi boa. Aí pra eles é como se o meu esforço fosse besteira, o que importasse realmente fosse a prova, aí isso me deixa muito estressado, muito estressado, às vezes, eu não consigo fazer a prova pensando no que vão achar do resultado dessa prova. Tu tira essa nota não boa e eles ficam estressados com isso e tu fica triste, aí eles te cobram pra tirar uma nota boa e no outro semestre, aí, tu consegue tirar aquela nota boa, aquele dez valendo. Chega lá:

– Olha aqui, Mãe.

– Não fez mais do que a tua obrigação.

Nota-se na fala de Rodrigo que o estresse gerado pelas provas está relacionado às cobranças feitas pela família para que o rapaz tire boas notas e/ou à falta de reconhecimento dos esforços despendidos por ele diante dos exames avaliativos. As provas e os exames, por si só, constituem-se enquanto eventos potencialmente estressores (KARINO; LAROS, 2014; BONIFÁCIO *et al.*, 2011), que podem desencadear outras situações estressoras.

No caso dos jovens participantes da pesquisa, observou-se a existência de uma inter

-relação e influência mútua entre eventos estressores, posto que as provas influenciaram nas relações dos jovens com seus familiares e vice-versa, ou seja, o excesso de cobranças da família interfere diretamente no desempenho dos jovens nos exames, do mesmo modo que a avaliação escolar reverbera na dinâmica familiar. Deve-se compreender essa questão de forma processual e relacional, uma vez que as adversidades não costumam estar isoladas, elas se inter-relacionam e promovem outros eventos estressores. São processos complexos nos quais diferentes fatores interagem e interferem na trajetória de vida da pessoa e de seus contextos de vida (MORAIS; KOLLER; RAFFAELLI, 2010).

Após o relato anterior de Rodrigo sobre as provas, a questão dos desentendimentos entre pais e filhos parece se ampliar para além dos problemas advindos dos exames, demonstrando que a ausência de diálogo e compreensão na família também é um fator estressor:

Rodrigo: [...] os familiares eles não entendem o que tu tá passando e acabam que julgando mais do que as pessoas que não são da tua família, aí a pessoa acaba sendo mais machucada por esse jeito que tá sendo tratado desse jeito por um próprio familiar, então procura geralmente a ajuda dos amigos, eu sempre enfrento isso, eu procuro ajuda dos meus amigos, porque meus pais não me entendem.

Letícia: [...] nossos pais não entendem a gente, porque o que eles viveram antes é o que a gente vai viver hoje ou então o mundo tá muito diferente porque eles viveram antes, mas com o tempo tudo vai se evoluindo [...]. Então parece que eles são tipo focado mais no que eles viveram antes, como eram antes, não no presente, então por isso que os nosso pais muitas das vezes eles se espantam sim pra entender a gente, mas talvez o passado deles não deixa eles entenderem um pouco do que a gente tá vivendo.

Rodrigo afirma que os familiares não compreendem o que o jovem passou, gerando julgamentos e fazendo com que haja a procura

pelos amigos. Novamente, as amizades aparecem como fonte de ajuda e suporte emocional. Letícia, por sua vez, destaca a existência de uma espécie de conflito geracional que dificulta o diálogo e entendimento entre pais e filhos. Sabe-se que a adolescência e a juventude são momentos de muitas transformações, dúvidas e descobertas, e que estes sujeitos precisam do apoio de seus familiares para dialogar sobre essas questões (CAMPOS, 2012).

Ainda no âmbito familiar, Letícia pediu para comentar a situação estressora “separação dos pais” que foi apresentada no Cenário provocativo:

Letícia: Isso me afetou muito nos meus estudos, eu não queria prestar atenção na aula. Aí isso me atingiu bastante, e eu não posso, não tenho mais como mudar isso porque isso já vem acontecendo já faz uns tempos. As minhas médias já estão todas baixas, aí eu não tenho mais como mudar isso.

Aí eu sempre falo pra ele [olha para o colega de sala que está ao lado]: “é mais um ano que eu vou continuar no primeiro ano porque eu já sei como vai ser daqui pra frente. Um milagre não vai acontecer”.

Mediador: Já repetiu de ano?

Letícia: Não. Nunca repeti de ano, aí eu sempre falo, porque eu sei como tá a minha situação na em escola, porque me afetou muito, me atingiu muito. [...] isso me afetou e tá fazendo com que eu tire notas baixas, eu não tenho vontade de ficar em casa. Já nem abro meu caderno. Só chego lá, deixo minhas coisas, depois eu saio.

Isso me causou muito transtorno psicológico, me afetou muito. Então têm certas coisas que eu não consigo mais relevar. Tá numa sala de aula, mas eu prefiro sair pra não me estressar, pra mim não fazer besteira que foi o que aconteceu recentemente, eu me estressei aqui na sala, e eu tratei ele mal, e pra mim não continuar tratando os outros mal, eu fui embora, entendeu? Então, o que acontece na casa, família, assim, causa muito transtorno psicológico, faz a gente parar um pouco o que a gente fazendo.

Esse relato de Letícia revela que uma situação familiar (separação dos pais) reverberou no desempenho da jovem na escola, na medida em que ela não conseguiu manter a concentração nos estudos. A família é um contexto importante para o desenvolvimento humano, visto que nela irão operar aquilo que Bronfenbrenner (1996) chama de “processos proximais”, isto é, as interações recíprocas progressivamente mais complexas entre uma pessoa e o seu ambiente imediato. Esses processos se constituem como “os principais motores de desenvolvimento” (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998, p. 996).

Contudo, deve-se ter clareza de que o ciclo vital da família é dinâmico e marcado por estressores desenvolvimentais que podem afetar sua função de cuidado e proteção (PRATTA; SANTOS, 2007), tais como os identificados nesta pesquisa: morte de familiar, ausência de diálogo, desentendimentos entre pais e filhos e reconfiguração familiar (separação dos pais).

Por fim, no relato abaixo, Lorena se identificou o assédio sexual na internet como evento estressor:

Lorena: Já aconteceu isso comigo de um cara mandar mensagem pra mim me ameaçando, se eu não enviasse uma foto nua, ele ia fazer montagem minha e ia postar em todas as redes sociais e ele bateu um *print* do *Facebook* dele sendo que ele tava em um bocado de grupo de homens e se eu não mandasse ele ia postar várias fotos minhas. Aí eu peguei, fiquei com muito medo, muito medo, não cheguei a fazer isso, eu comecei a chorar. Falei: “Meu Deus, me ajuda! O que eu vou fazer?” Aí eu peguei e contei pra minha prima. Aí a minha prima pegou e falou: “pera aí. A gente vai já resolver esse assunto”. Foi que o meu primo *hackeou* o celular desse cara e descobriu que esse cara é de São Paulo, ele não é de Belém. Ele disse que conhecia a minha família, se eu contasse pra alguém, ele ia matar o pessoal da minha família. Ele falou um bocado de coisa. Começou a me ameaçar muitas vezes, aí foi que eu levei o celular na polícia. Eles tentaram rastrear o

celular, só que esse número tava registrado no chip de São Paulo [...].

O que Lorena viveu se constitui como uma situação gravíssima de violência sexual na adolescência. De acordo com Brasília (2009, p.10), a violência sexual:

É toda relação sexual em que a pessoa é obrigada a se submeter, contra a sua vontade, por meio de força física, coerção, sedução, ameaça ou influência psicológica. Essa violência é considerada crime, mesmo quando praticada por um familiar, seja ele pai, marido, namorado ou companheiro. Considera-se também, como violência sexual o fato de o agressor obrigar a vítima a realizar alguns desses atos com terceiros.

Nota-se, então que Lorena passou por uma violência baseada em coerção, sedução e chantagem psicológica, sendo ameaçada de exposição na internet. Assim sendo, a internet e redes sociais, como o *Facebook*, também podem oferecer riscos à integridade psicológica e emocional dos adolescentes, sendo necessário um olhar atento dos familiares e um processo educativo de orientação nas escolas a fim de prevenir e enfrentar esses tipos de situações de violência virtual.

As relações de amizade como fator de proteção

No que se refere aos fatores de proteção, foi questionado onde os jovens costumavam encontrar ajuda para lidar com os eventos estressores vivenciados. Estes citaram os amigos como a principal fonte de ajuda e apoio para lidar com adversidade. Questionou-se também se eles recebiam suporte semelhante de outros contextos, tais como igreja, escola, grupos comunitários, etc., no entanto os estudantes foram unânimes em citar as amizades como fator protetivo.

Mariana: A maioria da ajuda [após vivenciar a situação “morte de família”] é com os amigos

porque a família também já tá bastante abatida, então não tem um apoio pra gente se sentir melhor porque eles também não têm isso, então a maioria do apoio vem de amigos, a maioria das vezes, vem de amigos, porque aí a gente convive com eles depois disso e eles chegam e fazem qualquer coisa pra gente se sentir melhor, seja uma piada sem graça, sair, passeio, sei lá.

Mediadora: Tu tiveste esse apoio?

Mariana: Tive. Porque, quando eu fui pra escola, depois que isso aconteceu, acho que foi numa segunda-feira, antes do aniversário da minha mãe, que era pai dela, aí depois eu fui pra escola, fui pra escola, não deixei de ir nenhum dia e quando eu cheguei lá, meus amigos ainda não tinham chegado, e assim que eles chegaram, tipo, eu contei pra eles e eles me abraçaram. Todos eles me abraçaram (estudante fica emocionada e começa a chorar).

Rodrigo: Fora dessa questão de morte de familiar, outros problemas, eu acho que quase todos desses aí, desses vários que tem, vários jovens procuram sempre a ajuda quase que sempre dos amigos [...].

Lorena: Eu tive recentemente uma decepção, que foi algo que me marcou muito. Eu vinha pra escola, cheguei a chorar e eu contei muito com o apoio de alguns amigos que eu não tive coragem de falar pra ninguém da minha família, ninguém sabe, mas eu contei pra alguns amigos e eles me ajudaram muito que foi, eu não queria mais saber mais de nada. Aí eles me ajudaram muito. Foi algo muito maravilhoso.

Letícia: Tô passando algo na minha família, na minha casa que eu não quero falar pros outros, eu tô passando, não fico expondo, apenas uma pessoa percebeu isso que foi o [olha para o lado e diz o nome de um colega de sala], só que nem ele sabe porque eu não contei pra ele, mas eu sei que eu preciso dele e ele precisa de mim, assim como nós precisamos uns dos outros.

Os jovens relataram que preferem compartilhar suas experiências com amigos ao invés de familiares, visto que a família pode não os compreender. No caso de Mariana, boa parte da ajuda após a perda de um familiar veio dos

amigos, pois os familiares também estavam fragilizados com a situação e, similarmente, não tinham apoio.

Ao contrário deste resultado, a investigação de Santos, Silva e Nunes (2016) identificou outros fatores de proteção diante da perda de uma pessoa significativa, associados à espiritualidade e à família. A espiritualidade esteve expressa na procura de Deus e a família nas lembranças positivas das falas proferidas por um de seus membros antes de sua morte, que influenciaram, até mesmo, na expectativa de futuro acadêmico da participante. Isso significa que, antes de falecer, o componente familiar mantinha diálogos que ficaram nas lembranças da jovem que, após sua partida, motivaram-na a continuar os estudos.

Por outro lado, as percepções positivas de apoio dos amigos e de suas influências protetivas em termos desenvolvimentais corroboram com a pesquisa de Costa (2016) e Amparo *et al.* (2008). As relações de amizade que apresentam características de ajuda, aconselhamento, conforto, apoio emocional e perdão são de grande relevância para enfrentamento de problemas e situações de enfraquecimento emocional na adolescência e juventude (COSTA, 2016).

Os amigos exercem inúmeras funções na vida destes sujeitos, que incluem apoio emocional, espiritual, material, social e, até mesmo, em tarefas escolares. As relações de amizade, somadas a outros fatores de proteção (família, escola, autoestima, religiosidade e espiritualidade) podem contribuir para resolução de problemas e para a manutenção do desenvolvimento saudável (AMPARO *et al.*, 2008).

Os jovens interagem de maneira dinâmica com indivíduos e com seu meio ambiente e são influenciados mutuamente pelos diversos contextos em que estão inseridos. Entre esses contextos, os relacionamentos de amizade apresentam características importantes nos

diferentes microssistemas que participam (DESOUZA; RODRIGUEZ; DE ANTONI, 2014).

A amizade é entendida como uma interação entre dois ou mais indivíduos, recíproca e iniciada por livre escolha. Trata-se de uma relação diádica, bilateral, íntima, mútua e voluntária. As relações de amizade envolvem aspectos de afetividade, intimidade e confiança, que dispõem de características próprias e que são únicas no ciclo vital. Os vínculos entre amigos provêm, por exemplo, de uma natureza hierárquica distinta daquela construída com a família, que vai agir de forma singular no desenvolvimento do sujeito (LISBOA, 2005).

Os amigos desempenham um papel importante ao oferecer apoio social e emocional que ajuda na preservação da saúde física e mental do adolescente. O apoio social advindo dos amigos funciona como mecanismo de proteção contra sentimentos de angústia e atua como moderador diante de adversidades (DESOUZA; CERQUEIRA-SANTOS, 2012).

Uma parte significativa do repertório comportamental dos adolescentes é influenciado pelas amizades. Geralmente, na infância, o indivíduo vivencia maior parte de seu tempo em convívio familiar e, na adolescência, os amigos também exercem um papel mais significativo no processo de socialização. Esse tipo de relacionamento pode estar associado à percepção positiva de suporte social e de qualidade de vida, bem como aos sentimentos de felicidade e pertencimento (TOMÉ *et al.*, 2011).

Considerações finais

A compreensão de como situações estressoras operam na vida de adolescentes e jovens pode ajudar na construção de estratégias que favoreçam o bem-estar destes sujeitos. Isso significa que muitas adversidades podem ser melhor enfrentadas se forem analisadas em sua complexidade. Nesta pesquisa, a família,

em especial, apareceu como uma instituição propícia a certos fatores de risco. Identificaram-se relações fragilizadas e conflituosas, assim como a baixa percepção de apoio por parte dos jovens em relação à instituição. Outros estressores estiveram associados ao rompimento de relações afetivas, seja por meio da separação dos pais ou da morte de familiares, que afetaram fortemente o psicológico dos participantes, ao ponto de repercutir em suas vivências escolares.

De forma semelhante, também foram identificados estressores na escola: provas, reprovações e desentendimento entre os pares. As falas no GD indicaram que os processos avaliativos devem ir além das tradicionais provas e que a família precisa compreender melhor o que os jovens vivenciam em sala de aula.

A escola desempenha um papel preponderante na trajetória juvenil, seja atuando nos processos socioemocionais e cognitivos, como também na socialização e construção de identidades, das metas e perspectivas no âmbito acadêmico e profissional. Assim, torna-se relevante repensar as ações desenvolvidas pela instituição, bem como a forma como ela está organizada, a fim de que a educação escolar consiga cumprir sua função social de oferecer aos estudantes elementos culturais necessários à formação integral e integrada do cidadão, de modo a abranger suas possibilidades de interação na sociedade.

Diante dessa gama de eventos estressores, a pesquisa identificou que as amizades têm um efeito protetivo importante. No caso específico da morte de um familiar, o estressor demonstrou elevado poder de impacto não só na vida do adolescente, mas em seu ambiente familiar que, também, foi fragilizado. Assim, as relações de amizade se configuraram como moderadores importantíssimos nesse cenário. Enquanto o contexto familiar estava fragilizado, outro ambiente desenvolvimental entrou

em cena e amenizou o efeito do estressor: as amigas.

Além dessa questão, os participantes relataram passar por diversos problemas que não compartilhavam com outras pessoas, a não ser com os amigos. As falas indicaram que os sujeitos trazem situações adversas vivenciadas em outros contextos para dentro da escola e dialogam sobre elas apenas com os amigos. Quando tratam dessa questão, os jovens parecem não estar se reportando aos amigos da comunidade, mas às amigas que têm na escola.

Assim, salienta-se que a dinâmica da escola extrapola as atividades cotidianas centradas, por exemplo, em provas. Em certa perspectiva, pode-se considerar que a instituição escolar atuou sim como protetiva diante dos estressores, mas que esse papel foi desempenhado pelos próprios estudantes que são parte constituinte do contexto educacional.

A adolescência e a juventude são fases que podem ser mais susceptíveis a certos eventos estressores, o que demonstra que, nessas etapas, os sujeitos se encontram vulneráveis e necessitam de apoio para enfrentar essas adversidades, sendo que algumas delas exigem estratégias de enfrentamento específicas, assim como intervenções institucionais. Desse modo, os jovens precisam perceber e considerar outras instituições como oferecedoras de suporte social e emocional.

Referências

ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, v. 6, n. 5, p. 25-36, 1997. Disponível em: http://proex.pucminas.br/sociedadeinclusiva/Blog_Direito_de_se_Diferente/Considerações_sobre_a_Tematização_Social_da_Juventude_no_Brasil.pdf. Acesso em: 07 abr. 2017.

AMPARO, Deise Matos do et al. Adolescentes e jovens em situação de risco psicossocial: redes de

apoio social e fatores pessoais de proteção. **Estudos de Psicologia**, Natal, UFRN, v. 13, n. 2, p.165-174, ago. 2008. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2008000200009>. Acesso em: 08 fev. 2018.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BENETTI, Sílvia Pereira da Cruz et al. Problemas de saúde mental na adolescência: características familiares, eventos traumáticos e violência. **Psico-USF**, [s.l.], v. 15, n. 3, p.321-332, dez. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-82712010000300006&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 06 jul. 2017.

BONIFÁCIO, Shirlei de Paula et al. Investigation and management of stressful events among students of Psychology. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, [s.l.], v. 7, n. 1, p.15-20, 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872011000100004. Acesso em: 08 fev. 2018.

BRASIL. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm. Acesso em: 06 fev. 2017.

BRASIL. PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **Política Nacional de Juventude: Diretrizes e perspectivas**. São Paulo: Conselho Nacional de Juventude (CNJ), 2006. Documento organizado por Regina Célia Reyes Novaes, Daniel Tojeira Cara e Danielo Moreira da Silva. Disponível em: http://www.juventude.gov.br/jspui/bitstream/192/51/1/CNJ_política_2006.pdf. Acesso em: 10 mar. 2017.

BRASÍLIA. Secretaria de Estado de Saúde do Distrito Federal. **Manual para atendimento às vítimas de violência na rede de saúde pública do DF**. 2009. Disponível em: http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/manual_atendimento_vitimas_violencia_saude_publica_DF.pdf. Acesso em: 19 dez. 2018.

BRONFENBRENNER, Urie. **A ecologia do desenvolvimento humano: Experimentos Naturais e Planejados**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. Tradução de:

Maria Adriana Veríssimo.

BRONFENBRENNER, Urie; MORRIS, Pamela. The ecology of developmental processes. In: W. Damon. R. M. Lerner (Vol. Ed.). **Handbook of child psychology: v. 1. Theoretical models of human development**, ed. 5. New York, John Wiley, 1998, p. 993-1028.

BUSNELLO, Fernanda de Bastani. **Eventos estressores, estratégias de coping e desempenho escolar em adolescentes**. 2009. 102 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/671>. Acesso em: 07 fev. 2017.

CAMPO, Dinah. **Psicologia da Adolescência**. 24. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. A participação social e política de jovens no Brasil: considerações sobre estudos recentes. **O Social em Questão**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 27, p. 83-100, fev. 2012. Disponível em: http://osocialemquestao.ser.puc-rio.br/media/Osocial27_Carrano1.pdf. Acesso em: 08 fev. 2018.

CALCING, Jordana; BENETTI, Silvia. Caracterização da Saúde Mental em Crianças e Adolescentes em Acolhimento Institucional. **Psico**, [s.l.], v. 45, n. 4, p.559-567, 23 dez. 2014. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/13629>. Acesso em: 06 jul. 2017.

COSTA, Amanda. **Relações de amizade de adolescentes em situação de acolhimento institucional: fatores de risco e de proteção**. 2016. 124 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará – UFPA, Belém, 2016. Disponível em: <http://ppgtpc.propesp.ufpa.br/ARQUIVOS/dissertacoes/AmandaCristinaRibeirodaCosta.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2018.

DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. **Jovens no Brasil: difíceis travessias de fim de século e promessas de um outro mundo**. In: REUNIÃO ANUAL ANPED, 25., 2002, Caxambu, **Anais** [...]. Caxambu: ANPED, 2002. p. 01-33.

DESOUZA, Diogo Araújo; CERQUEIRA-SANTOS, Elder.

Relacionamentos de amizade e coping entre jovens adultos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, [s.l.], v. 28, n. 3, p. 345-356, set. 2012.

DESOUZA, Diogo Araújo; RODRIGUEZ, Susana Nûnez; ANTONI, Clarissa de. Relacionamentos de amizade, grupos de pares e tribos urbanas na adolescência. In: HABIGZANG, Luísa; DINIZ, Eva; KOLLER, Silvia H. **Trabalhando com Adolescentes: Teoria e Intervenção Psicológica**. Porto Alegre: Artmed, 2014. p. 119-131.

ESTEVES, Luiz Carlos Gil; ABRAMOVAY, Miriam. Juventude, Juventudes: pelos outros e por elas mesmas. In: ABRAMOVAY, Miriam; ANDRADE, Eliane Ribeiro; ESTEVES, Luiz Carlos Gil (Org.). **Juventudes: outros olhares sobre a diversidade**. Brasília: Ministério da Educação - Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade – Unesco, 2007. Cap. 1. p. 21-56. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001545/154580por.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2017.

IBASE - INSTITUTO BRASILEIRO DE ANÁLISES SOCIAIS E ECONÔMICAS (). INSTITUTO PÓLIS. **Juventude Brasileira e Democracia: participação, esferas e políticas públicas (Metodologia)**: Ibase, Instituto Pólis, 2006. Disponível em: <http://polis.org.br/publicacoes/juventude-brasileira-e-democracia-participacao-esferas-e-politicas-publicas-relatorio-regional-metodologia/>. Acesso em: 26 jul. 2017.

JANSEN, Karen et al. Eventos de vida estressores e episódios de humor: uma amostra comunitária. **Ciência & Saúde Coletiva**, [s.l.], v. 19, n. 9, p.3941-3946, set. 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232014000903941&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 06 jul. 2017.

JUNQUEIRA, Maria de Fátima Pinheiro da Silva; DESLANDES, Suely Ferreira. Resiliência e maus-tratos à criança. **Cadernos de Saúde Pública**, [s.l.], v. 19, n. 1, p.227-235, fev. 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-311X2003000100025&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 13 fev. 2018.

KARINO, Camila Akemi; LAROS, Jacob A. Ansiedade em situações de prova: evidências de validade de duas escalas. **Psico-usf**, [s.l.], v. 19, n. 1, p.23-36, abr. 2014.

Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712014000100004. Acesso em: 08 fev. 2018.

KRISTENSEN, Christian Haag *et al.* Análise da frequência e do impacto de eventos estressores em uma amostra de adolescentes. **Interação em Psicologia**, [s.l.], v. 8, n. 1, p. 45-55, 30 jun. 2004. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/3238/2599>. Acesso em: 06 jun. 2017.

LEÓN, Oscar Dávila. Adolescência e juventude: das noções às abordagens. In: FREITAS, Maria Virgínia de. **Juventude e adolescência no Brasil**: referências conceituais. São Paulo: Ação Educativa, 2005. p. 10-18. Disponível em: <http://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/05623.pdf>. Acesso em: 07 fev. 2017.

LIPP, Marilda Emmanuel Novaes. O que eu tenho é stress? De onde ele vem? In: LIPP, Marilda Emmanuel Novaes (Org.). **O stress está dentro de você**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2000. p. 11-18.

LISBOA, Carolina Saraiva de Macedo. **Comportamento Agressivo, vitimização e relações de amizade de crianças em idade escolar**: fatores de risco e proteção. 2005. 146 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2005.

MARGIS, Regina *et al.* Relação entre estressores, estresse e ansiedade. **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**, [s.l.], v. 25, n. 1, p. 65-74, abr. 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-81082003000400008. Acesso em: 07 maio 2017.

MORAIS, Normanda Araújo de; KOLLER, Sílvia Helena; RAFFAELLI, Marcela. Eventos Estressores e Indicadores de Ajustamento entre Adolescentes em Situação de Vulnerabilidade Social no Brasil. **Universitas Psychologica**, Bogotá (Colômbia), v. 9, n. 3, p.787-806, set. 2010. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1657-92672010000300015. Acesso em: 06 jul. 2017.

NARDI, Fernanda Ludke; JAHN, Guilherme Machado; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Perfil de adolescentes em privação de liberdade: eventos estresso-

res, uso de drogas e expectativas de futuro DOI - 10.5752/P.1678-9523.2014v20n1p116. **Psicologia em Revista**, [s.l.], v. 20, n. 1, p.116-137, 30 jul. 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682014000100008. Acesso em: 06 jul. 2017.

OIT – ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. **A crise do emprego jovem**: Tempo de agir. Genebra: Bureau Internacional do Trabalho, 2012. Relatório Técnico.

OMS – ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Young People's Health**: a challenge for society. Geneva: World Health Organization, 1986. Relatório técnico de um grupo de estudo da OMS sobre jovens e saúde para todos.

PERALVA, Angelina. O jovem como modelo cultural. **Revista Brasileira de Educação**, [s.l.], n. 5, p.15-24, 1997. Disponível em: http://anped.tempsite.ws/novo_portal/rbe/rbedigital/RBDE05_6/RBDE05_6_04_ANGELINA_PERALVA.pdf. Acesso em: 11 mar. 2017.

PINTO, Agnes Caroline Souza *et al.* Risk factors associated with mental health issues in adolescents: a integrative review. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, [s.l.], v. 48, n. 3, p. 555-564, jun. 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0080-62342014000300555&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em: 08 fev. 2018.

POLETTO, Michele. **Contextos ecológicos de promoção de resiliência para crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade**. 2007. 104 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

POLETTO, Michele.; KOLLER, Sílvia Helena. Contextos ecológicos: promotores de resiliência, fatores de risco e de proteção. **Estudos de Psicologia, Campinas**, v. 25, n. 3, p. 405-416, set. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-166X2008000300009&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 07 maio 2017.

POLETTO, Michele; KOLLER, Sílvia Helena; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Eventos estressores em crianças

e adolescentes em situação de vulnerabilidade social de Porto Alegre. **Ciência & Saúde Coletiva**, [s.l.], v. 14, n. 2, p. 455-466, abr. 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232009000200014. Acesso em: 06 jul. 2017.

PRATTA, Elisângela Maria Machado; SANTOS, Manoel Antonio dos. Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. **Psicologia em Estudo**, [s.l.], v. 12, n. 2, p. 247-256, ago. 2007. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722007000200005&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 15 mar. 2020.

SANTOS, Mateus Souza dos. **Entre risco e proteção: eventos estressores no desenvolvimento de adolescentes e jovens estudantes de escolas públicas de Belém/PA**. 2018. 166 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Educação, Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Pará (PPGED/UFPA), Belém, 2018.

SANTOS, Mateus Souza dos; SILVA, Lúcia Isabel da Conceição; NUNES, Tatiene Germano Reis. **Juventude, eventos estressores e família: Um estudo da dinâmica interacional entre fatores de risco e de proteção em jovens estudantes da rede pública de Belém**. 2016. 85 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Universidade Federal do Pará, Belém, 2016.

SILVA, Carla Regina; LOPES, Roseli Esquerdo. Adolescência e Juventude: Entre Conceitos e Políticas Públicas. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCAR**, São Carlos, v. 17, n. 2, p.87-106, jul. 2009. Disponível em: <http://www.cadernosdeterapiaoocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/100>. Acesso em: 02 fev. 2017.

SILVA, Selli Maria da Rosa. **Juventude, sociabilidade e participação: percepções e desafios de jovens estudantes de uma escola pública de Belém/PA**. 2020. 149 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Educação, Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Pará (PPGED/UFPA), Belém, 2020.

SILVA, Lúcia Isabel da Conceição. **Violências contra crianças, adolescentes e jovens: percepções sobre risco e proteção e dinâmica de atuação das redes de proteção (escola, família e comunidade)**. Belém: GEPJUV/ICED/UFPA, 2017. Projeto de pesquisa.

SOUZA, Airle Miranda de; CORRÊA, Victor Augusto Cavaleiro. Compreendendo o pesar do luto nas atividades ocupacionais. **Revista do Nufen**, São Paulo, v. 1, n. 2, p.113-148, 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912009000200009. Acesso em 07 fev. 2018.

THOMÉ, Luciana Dutra; TELMO, Alice Queiroz; KOLLER, Sílvia Helena. Inserção laboral juvenil: Contexto e opinião sobre definições de trabalho. In: DELL'AGLIO, D.D.; KOLLER, S. H. (Org.). **Adolescência e Juventude: Vulnerabilidade e Contextos de Proteção**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011. p. 17-46.

TOMÉ, Gina *et al.* A influência da comunicação com a família e grupo de pares no bem-estar e nos comportamentos de risco nos adolescentes Portugueses. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, [s.l.], v. 24, n. 4, p. 747-756, 2011.

WATHIER, Josiane Lieberknecht; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Sintomas depressivos e eventos estressores em crianças e adolescentes no contexto de institucionalização. **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**, [s.l.], v. 29, n. 3, p. 305-314, dez. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-81082007000300010. Acesso em: 06 jul. 2017.

YUNES, M. A. M.; SZYMANSKI, H. Resiliência: noção, conceitos afins e considerações críticas. In: Tavares J. (Org.) **Resiliência e Educação**. São Paulo: Cortez, 2001. p. 13-42.

ZANETI, Hermes. **Juventude e Revolução: uma velha história**. Brasília: Editora da UnB, 2001.

Recebido em: 30/04/2020

Revisado em: 08/08/2020

Aprovado em: 19/08/2020

Mateus Souza dos Santos é Mestre e doutorando em educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Pará (PPGED/UFPA). Integra o Grupo de Estudos e Pesquisa em Adolescência, Juventude, Vulnerabilidades e Fatores de Proteção (GEPJUV). E-mail: mateusufpa@gmail.com

Lúcia Isabel da Conceição Silva é Doutora em Teoria e Pesquisa do Comportamento pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Docente do Instituto de Ciências da Educação (ICED) e do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGED) da UFPA. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa em Adolescência, Juventude, Vulnerabilidades e Fatores de Proteção (GEPJUV). E-mail: luciaisabel@ufpa.br